

COESÃO SOCIAL E COMPETITIVIDADE

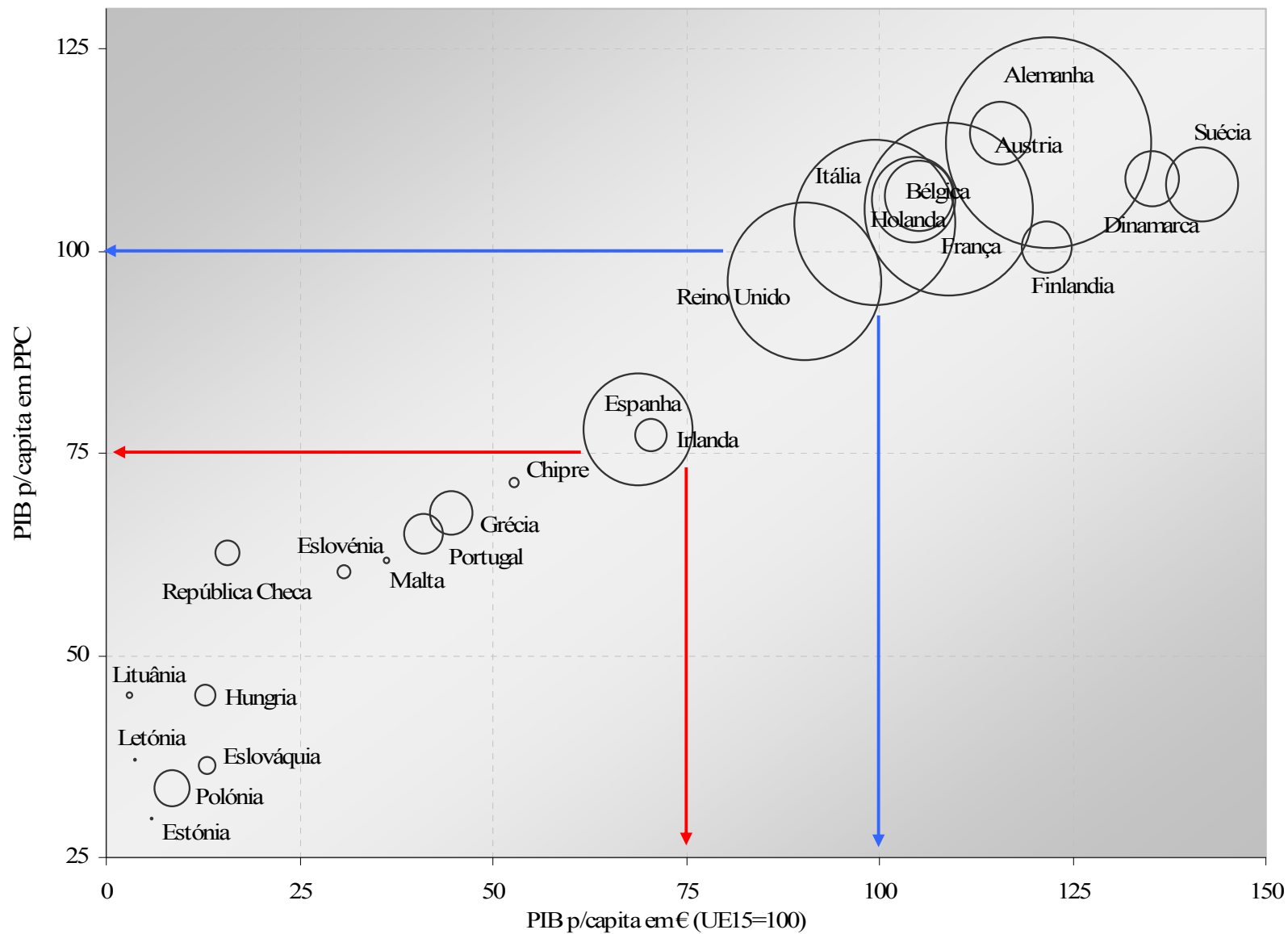
Augusto Mateus

Conferência
Compromisso Cívico para a Inclusão

Santarém, 14 de Abril de 2007

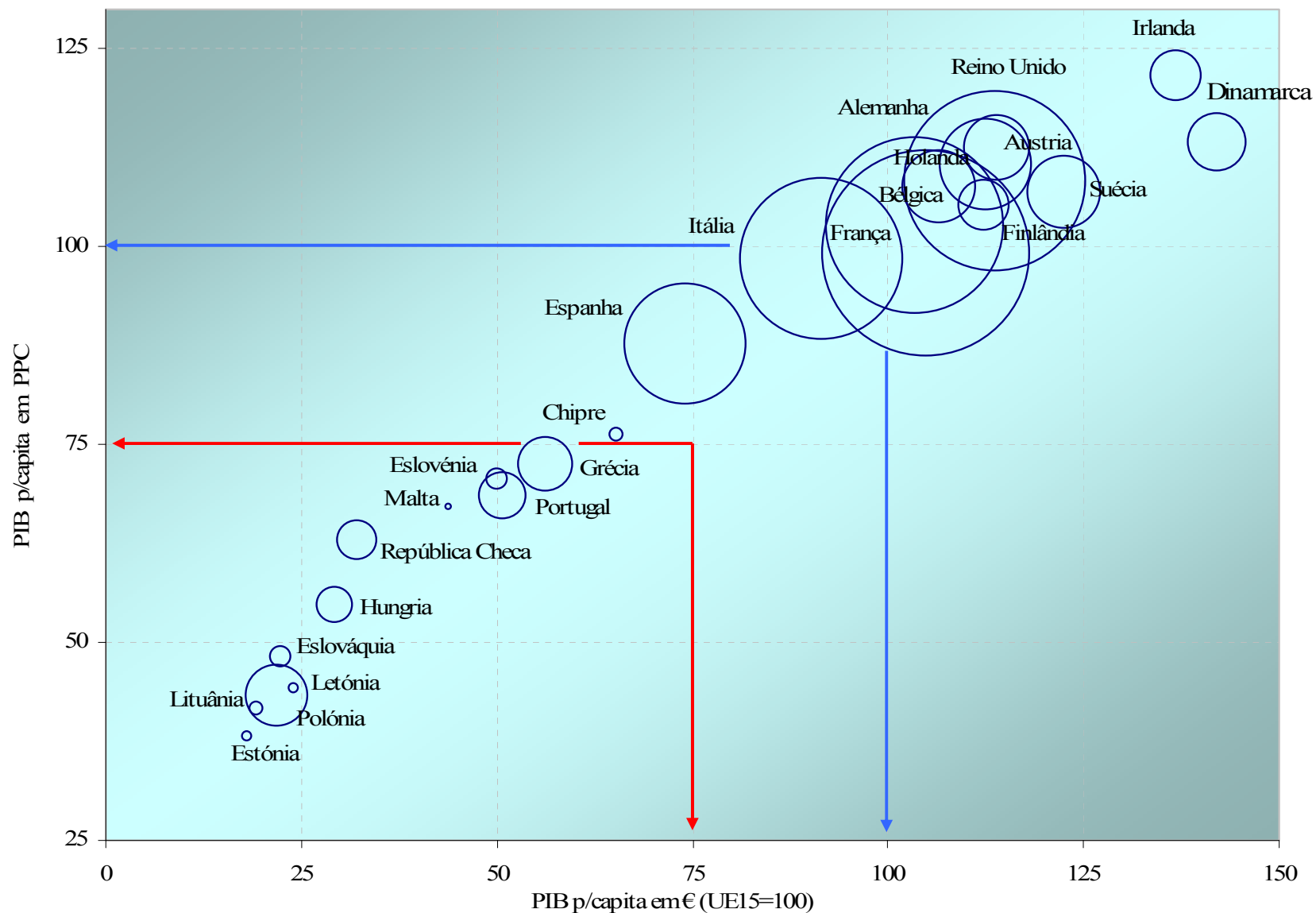
As Economias Nacionais na Europa Alargada

(PIB per capita, UE-15 = 100, período do QCA I – 1989-1993)



As Economias Nacionais na Europa Alargada

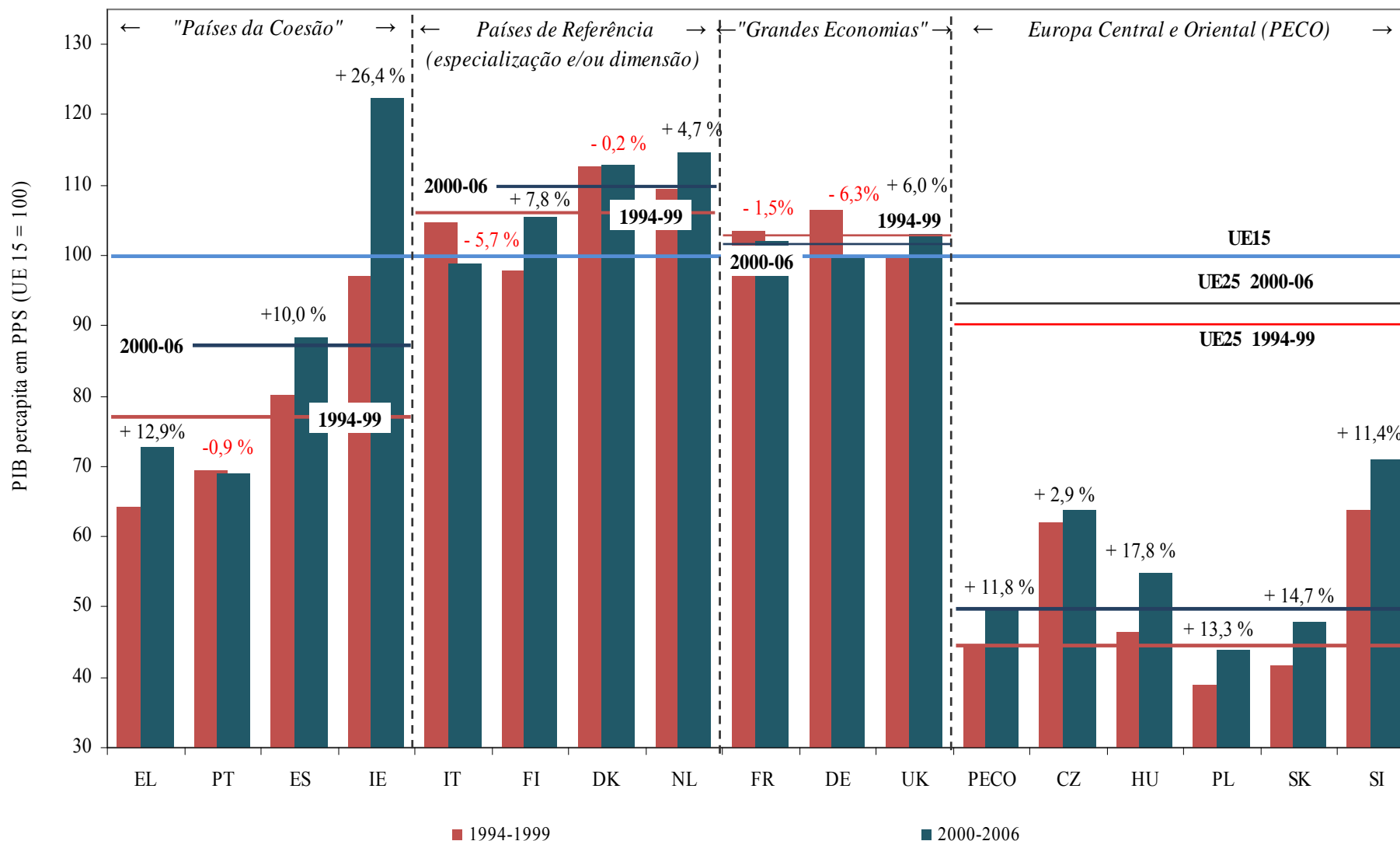
(PIB per capita, UE-15 = 100, período do QCA III – 2000-2006)



[a dimensão económica do país (PIB, €) é representada pela dimensão da "bolha"]

As Dificuldades da Convergência Real em Portugal

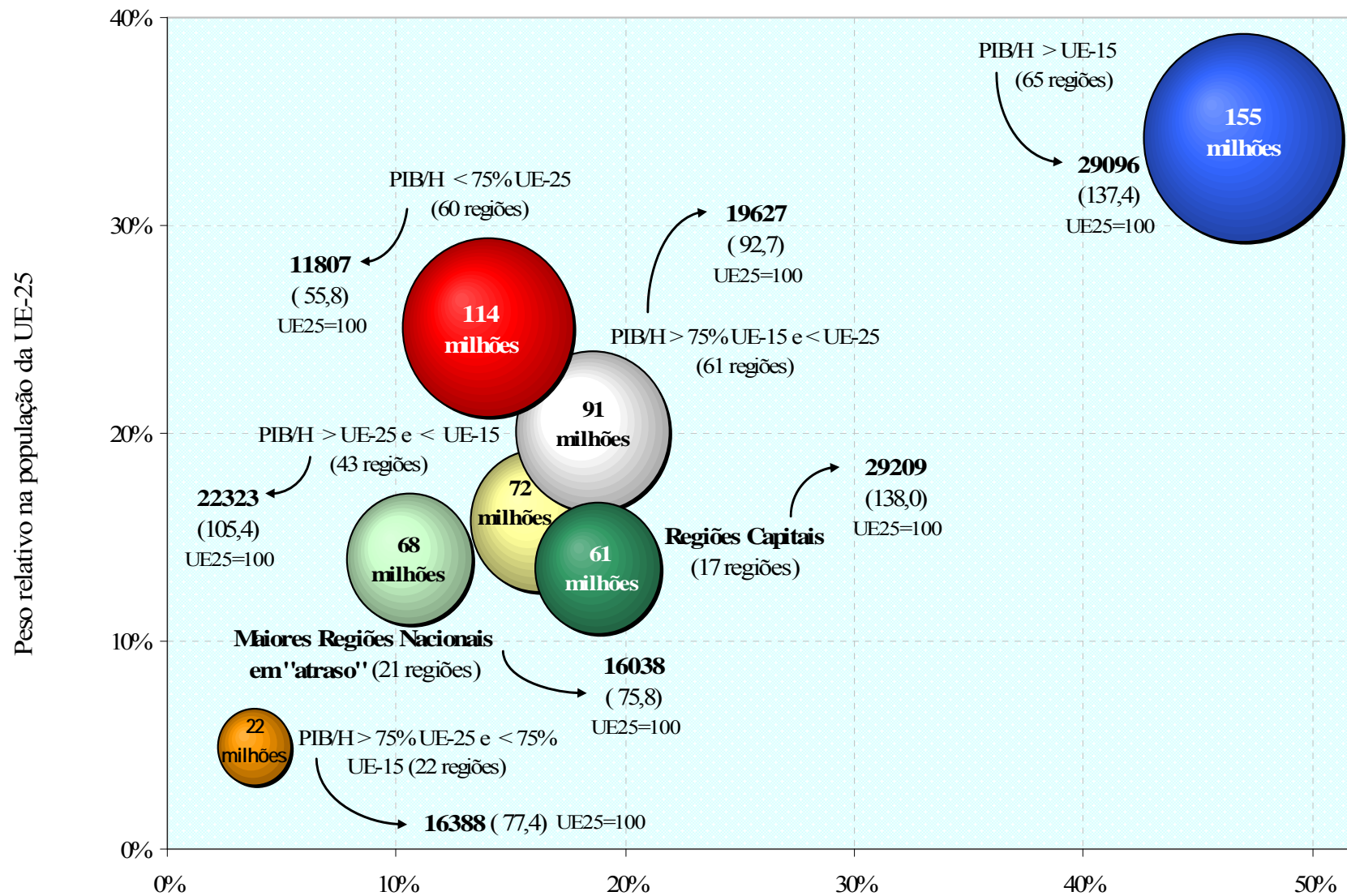
(Evolução do PIB per capita em Paridades de Poder de Compra)



Fonte: Cálculos com base em Comissão Europeia (2006), Statistical Annex of European Economy, ECFIN/REP/52683/2006)

O Nível de Vida nas Regiões na Europa Alargada

(População e PIB per capita, 2002)



Peso relativo no PIB da UE-25 em PPC

[a população de cada grupo de regiões é representada pela dimensão da "bolha"]

O ponto de partida

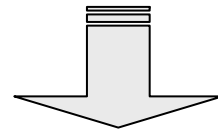
O Conceito de Competitividade

“Uma economia competitiva comporta um nível elevado de eficiência e de eficácia traduzido numa capacidade efectiva de criação de emprego e de remuneração dos factores produtivos, isto é, numa capacidade de melhorar, de forma sustentada, o nível de vida médio da população”.

A **“competitividade”** constitui, cada vez mais, o referencial prioritário para as **estratégias concorrenciais de crescimento**, ao nível das empresas, independentemente da sua dimensão, e para a reforma das **políticas públicas de promoção do desenvolvimento económico**.

Competitividade e Crescimento Endógeno

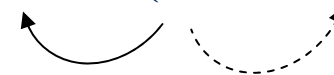
Alteração da natureza (e da concepção) do crescimento económico, do desenvolvimento tecnológico e dos processos de inovação



Modernização tecnológica centrada nos equipamentos,
Concepção linear da inovação, “Ciclos de vida” longos

“Crescimento exógeno”

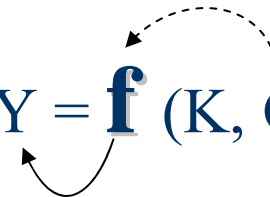
$$Y = f(\mathbf{K}, \text{Trabalho})$$



Desenvolvimento tecnológico centrado no conhecimento,
Concepção integrada e interactiva da inovação na cadeia de valor,
“Ciclos de vida” (tecnologias, produtos, qualificações,...) curtos

“Crescimento endógeno”

$$Y = \mathbf{f}(K, \text{Competências})$$



A Afirmação de um novo Paradigma Competitivo

“Better, Faster, Cheaper”

Melhor, mais rápido, a mais baixo custo

Minimizar recursos

em vez de

Maximizar receitas

Organização, Sistema, Valor

em vez de

Trabalho, Equipamento, Produção

Flexibilidade e Qualidade Total (puxada pela organização)

em vez de

Rigidez e Qualidade parcial (empurrada pela tecnologia)

“Delivered ou Made by”

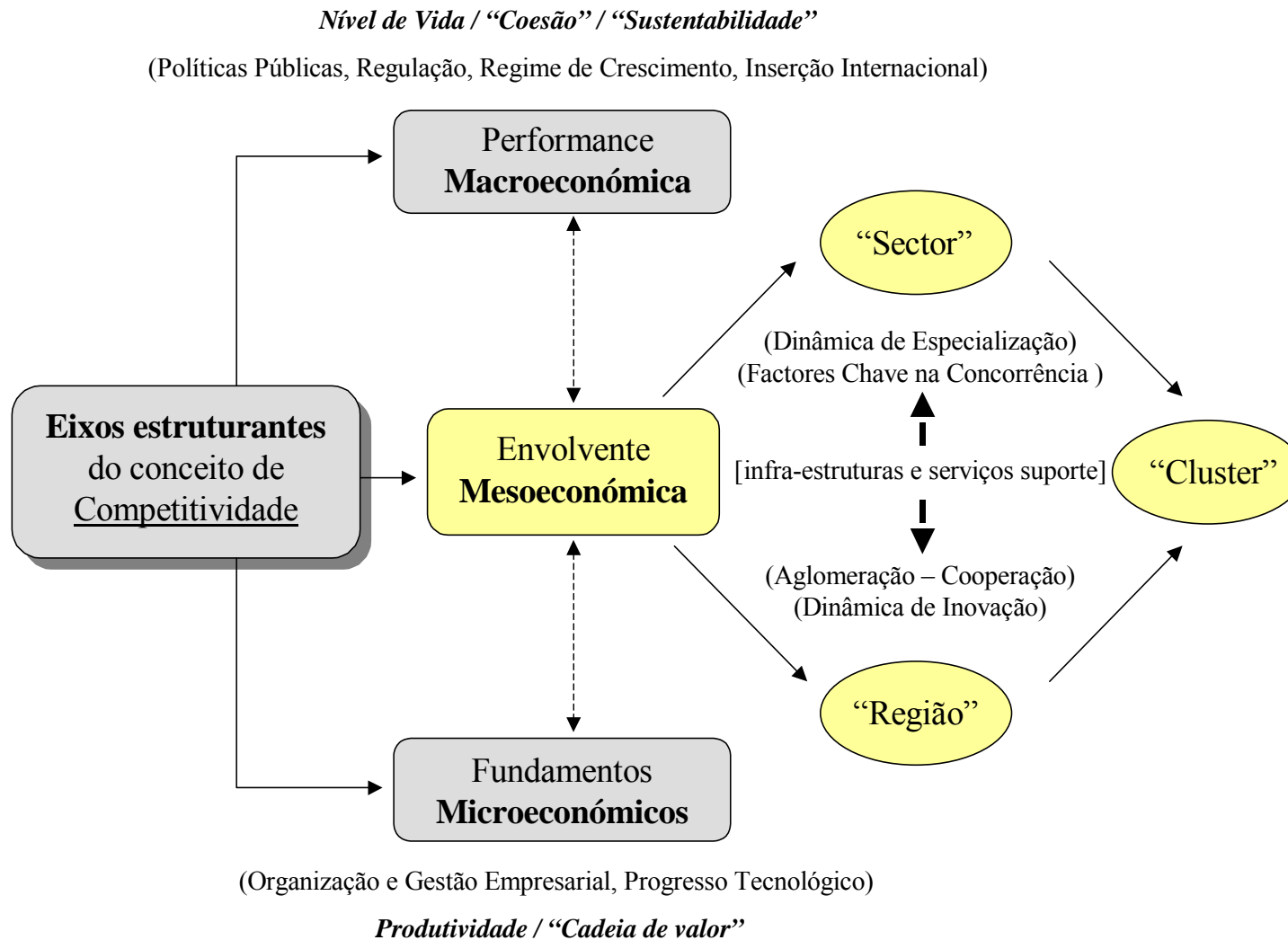
em vez de

“Made in”

Informação, Conhecimento, Imaterial, Diferenciação



Os Eixos Estruturantes do Conceito de Competitividade



O ponto de partida

O Conceito de Coesão Económica e Social

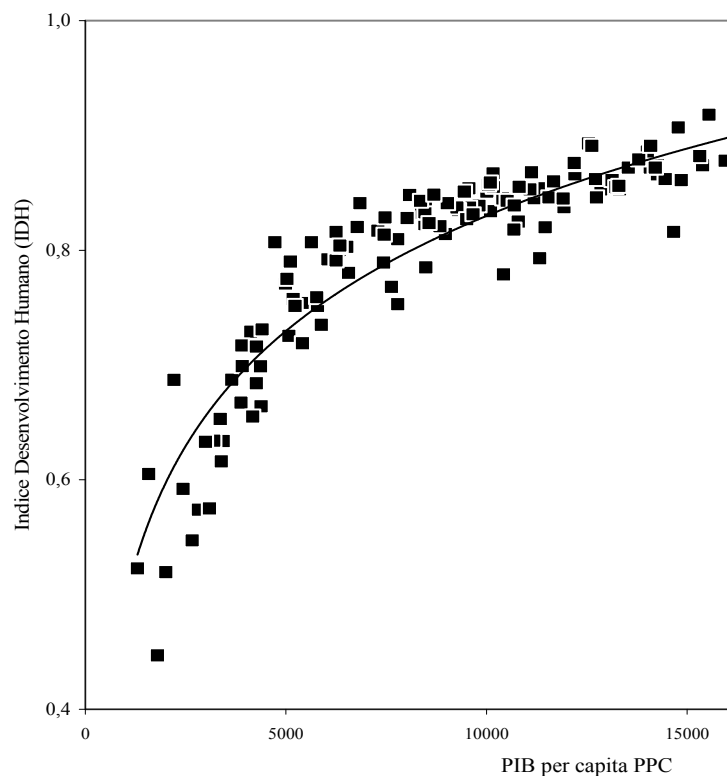
“O conceito de coesão económica e social está associado, na coesão económica, a uma relativa homogeneidade da riqueza criada nas várias actividades, enquanto, na coesão social, corresponde a um acesso equilibrado da população aos grandes frutos do progresso económico”.

A “**coesão económica e social**” surge associada à referência da **convergência**, nos objectivos das políticas estruturais de incidência regional, enquanto procura de um **maior equilíbrio** na **distribuição** dos **resultados** obtidos em matéria de desenvolvimento, ancorado na **capacitação** dos agentes.

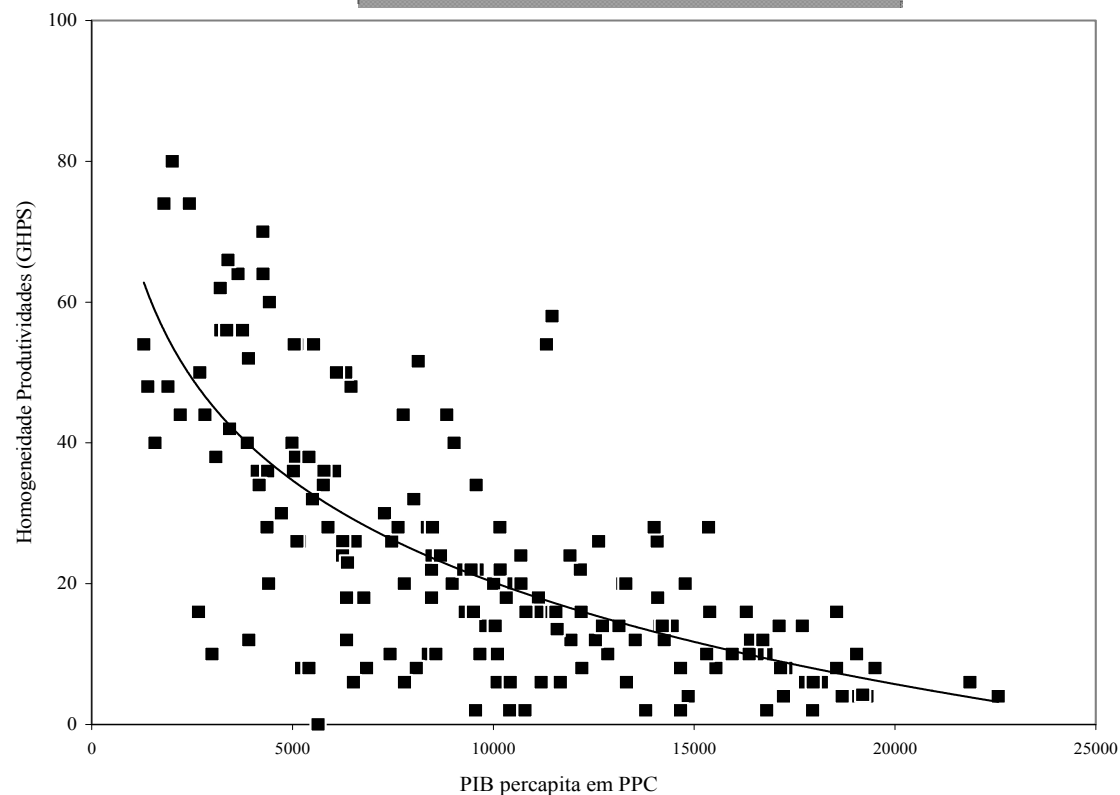
As Economias Nacionais: uma relação mais estável e forte do nível de vida com a coesão social

(Trajectórias comparativas, 1960 → 2000)

Coesão Social



Coesão Económica

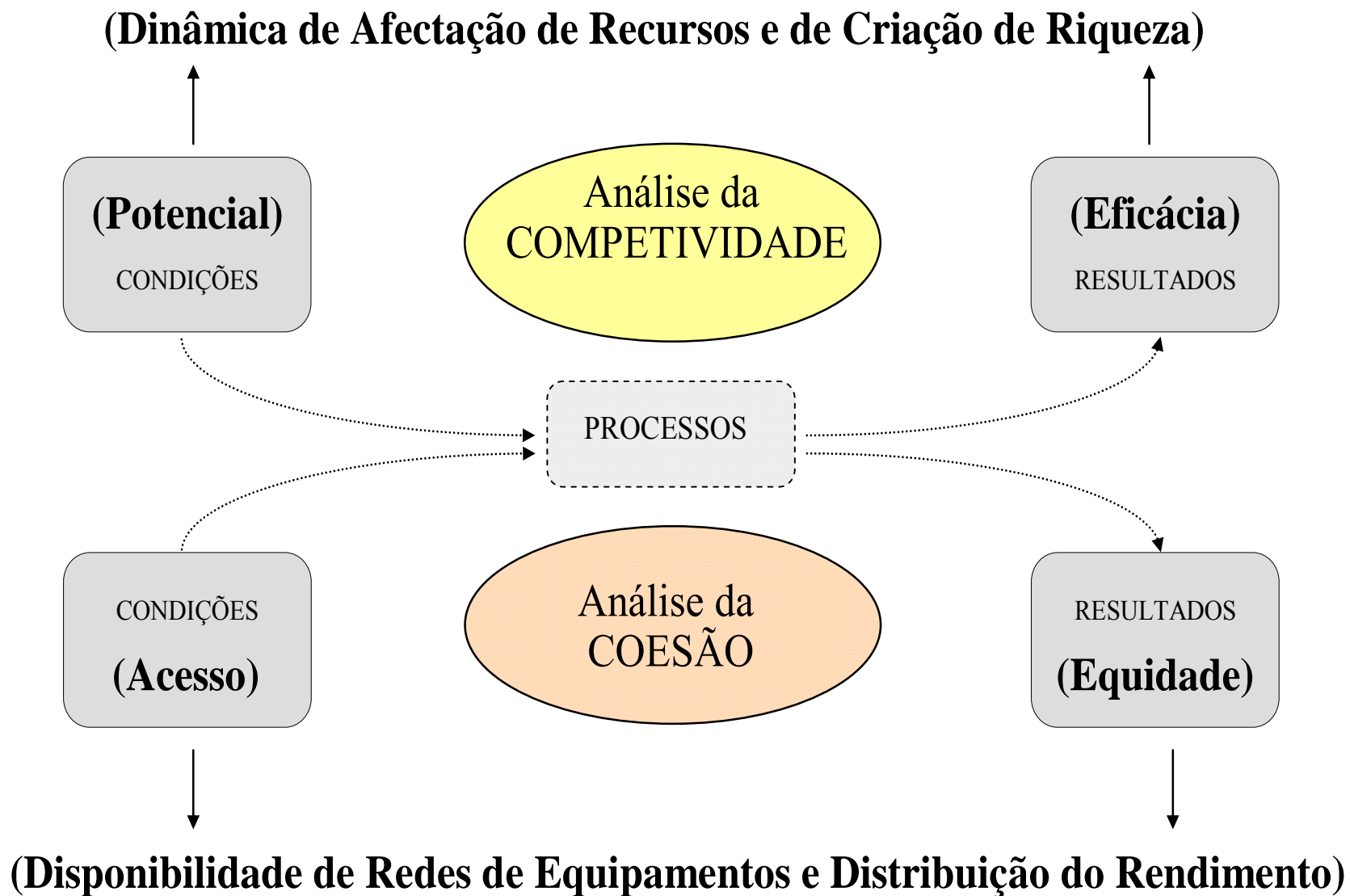


O ponto de partida A “Coesão Territorial”

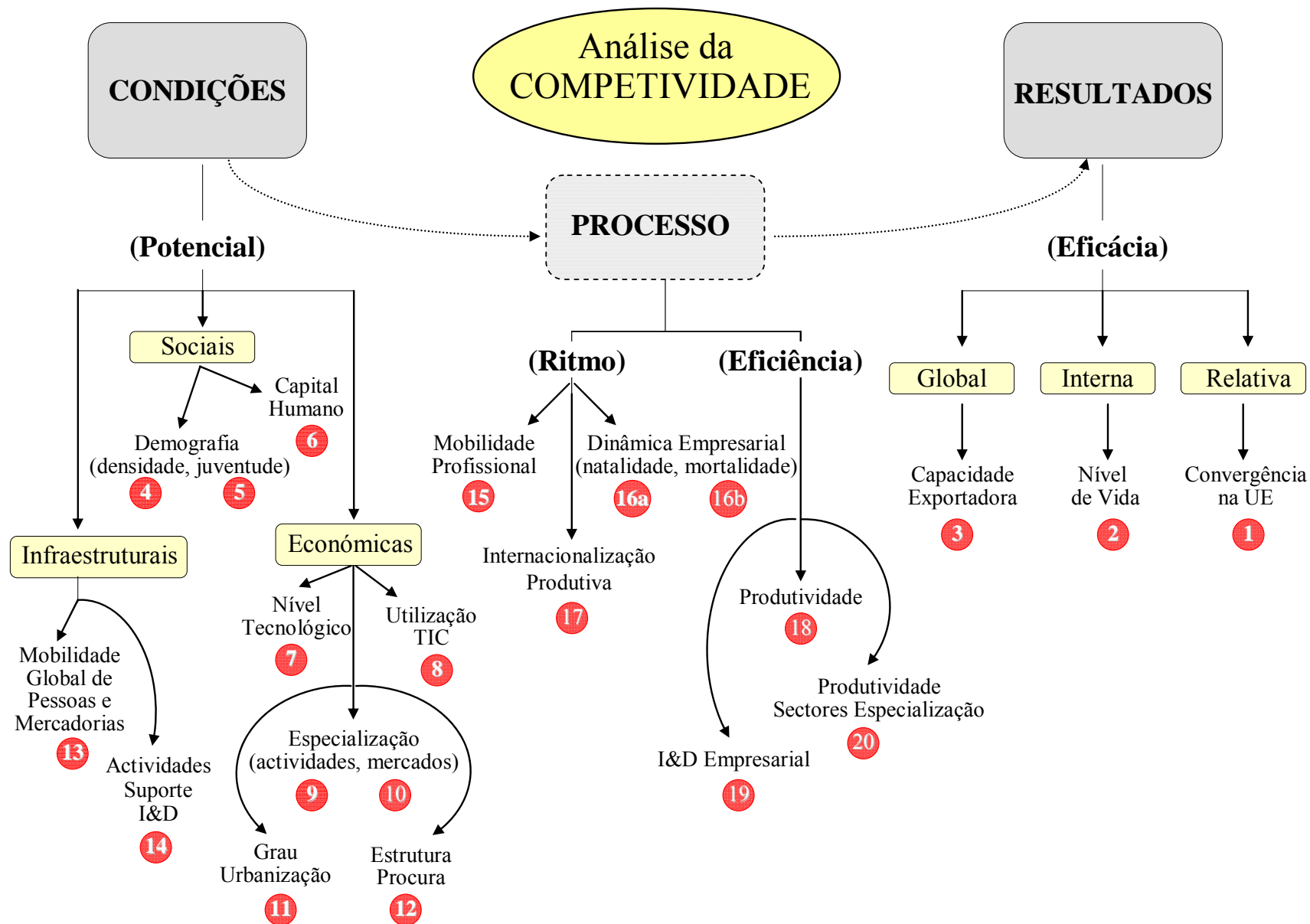
A noção de “coesão territorial” adoptada valoriza o “território” como espaço privilegiado de integração de comportamentos, centrando-se na maior ou menor capacidade de um território (país, região) conseguir equilibrar o desenvolvimento dos processos de construção de uma economia competitiva e de uma sociedade coesa”.

A “coesão territorial”, na construção europeia, corresponde, assim, à valorização da articulação entre políticas sectoriais e regionais, quer na dotação de recursos e infraestruturas, quer na promoção dos factores territoriais da competitividade.

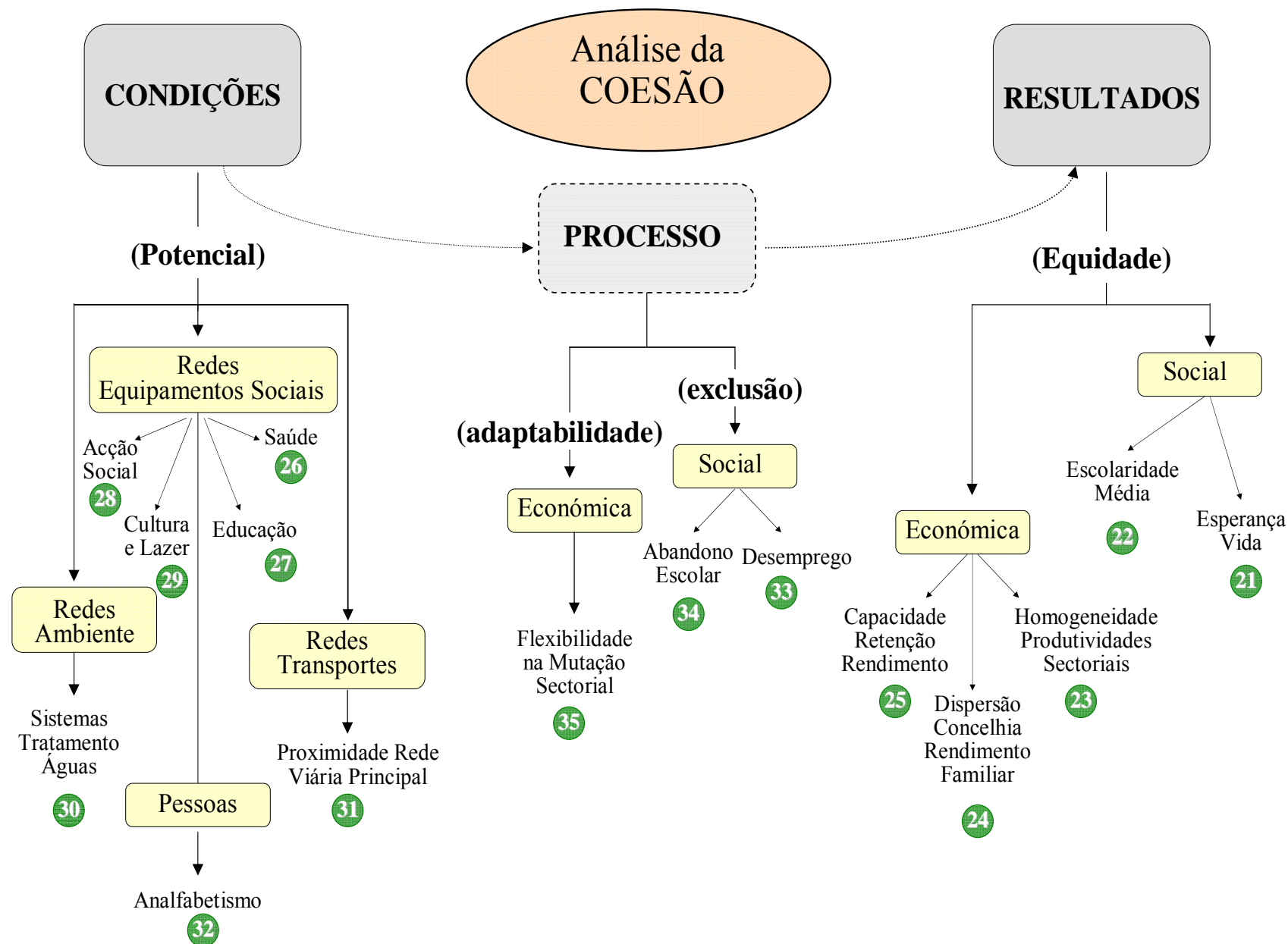
Os Referenciais de Análise da Competitividade e da Coesão



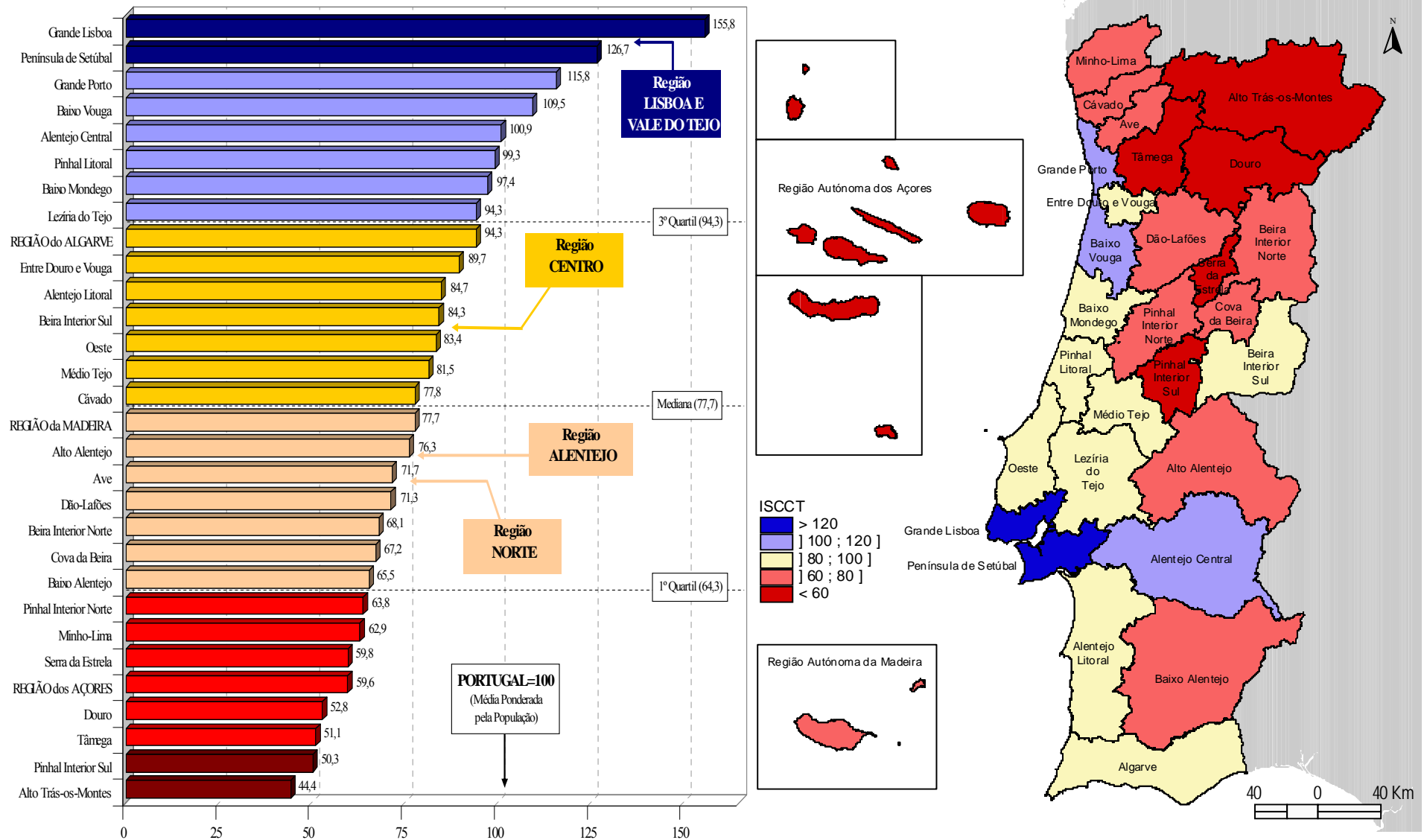
O Desenvolvimento da Análise da Competitividade



O Desenvolvimento da Análise da Coesão Económica e Social

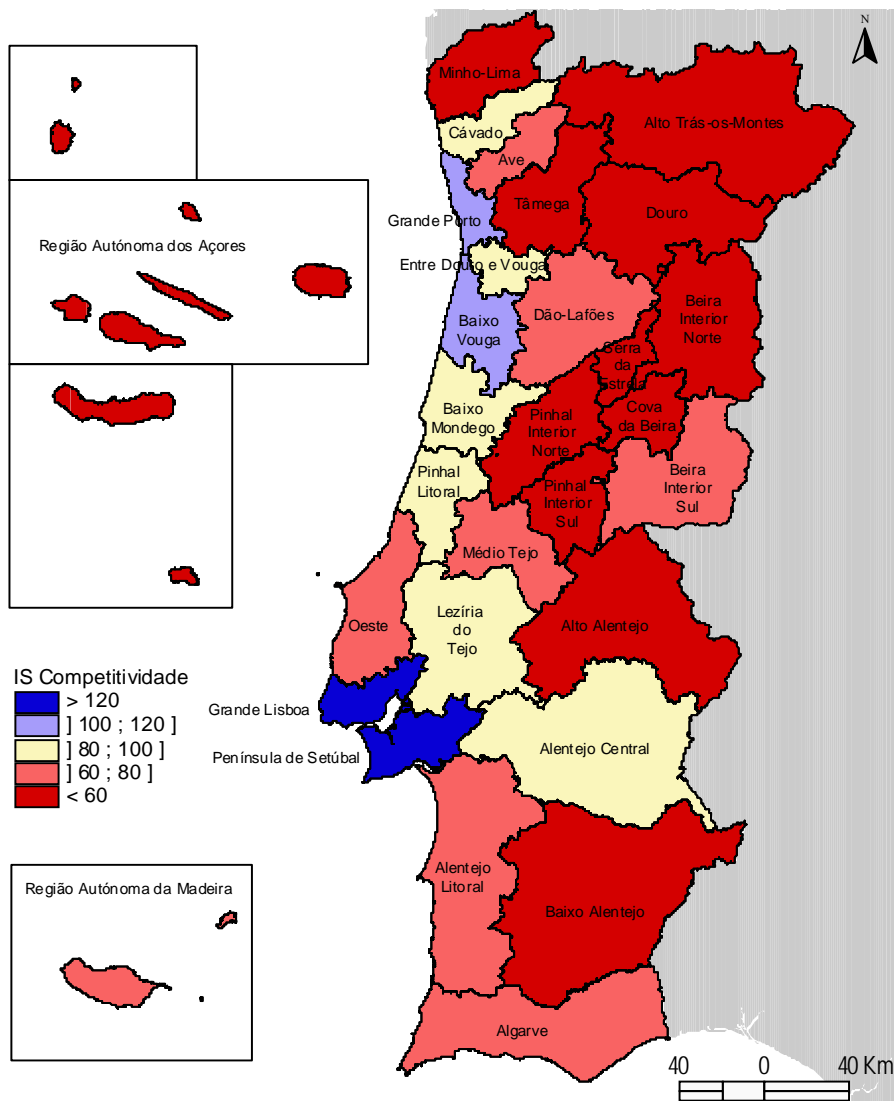


A Competitividade e Coesão Territorial das Regiões Portuguesas (os rankings globais no índice sintético em 2000-2002)

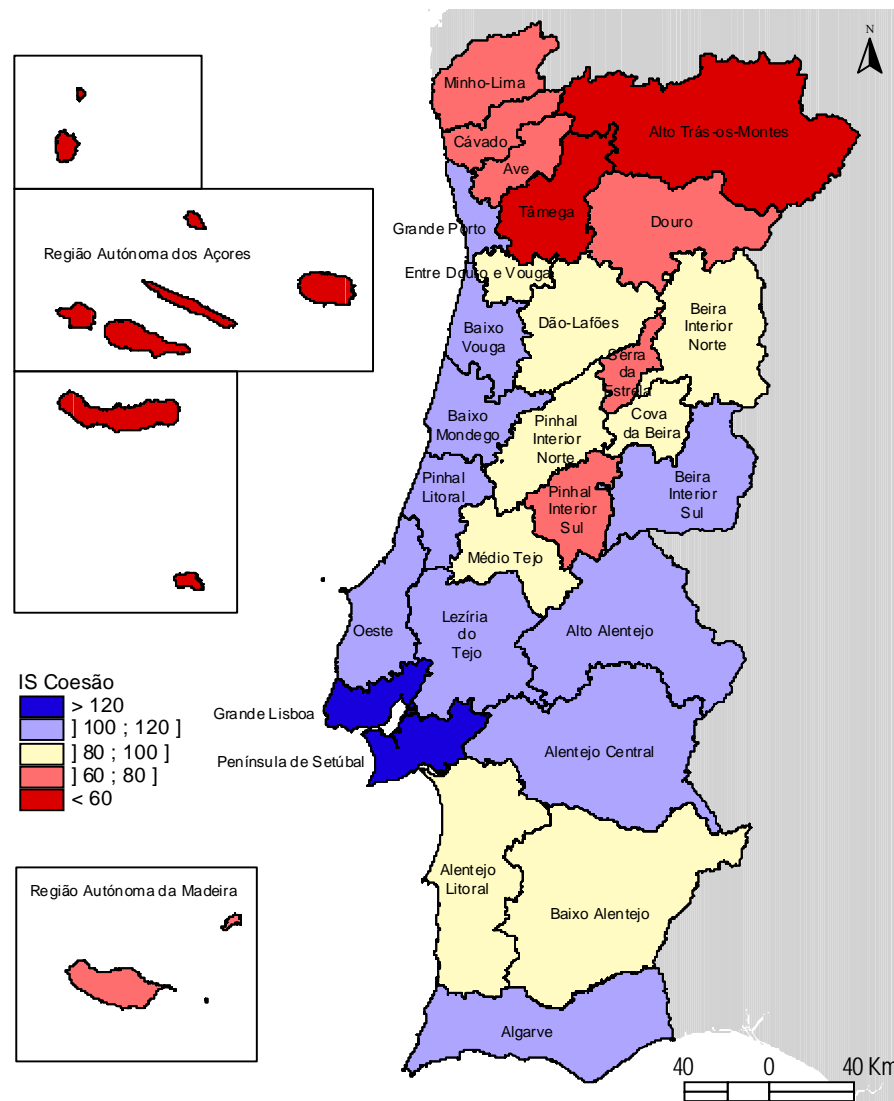


Os “Mapas” da Competitividade e da Coesão das Regiões Portuguesas (índices sintéticos parciais em 2000-2002)

O “Mapa” da Competitividade

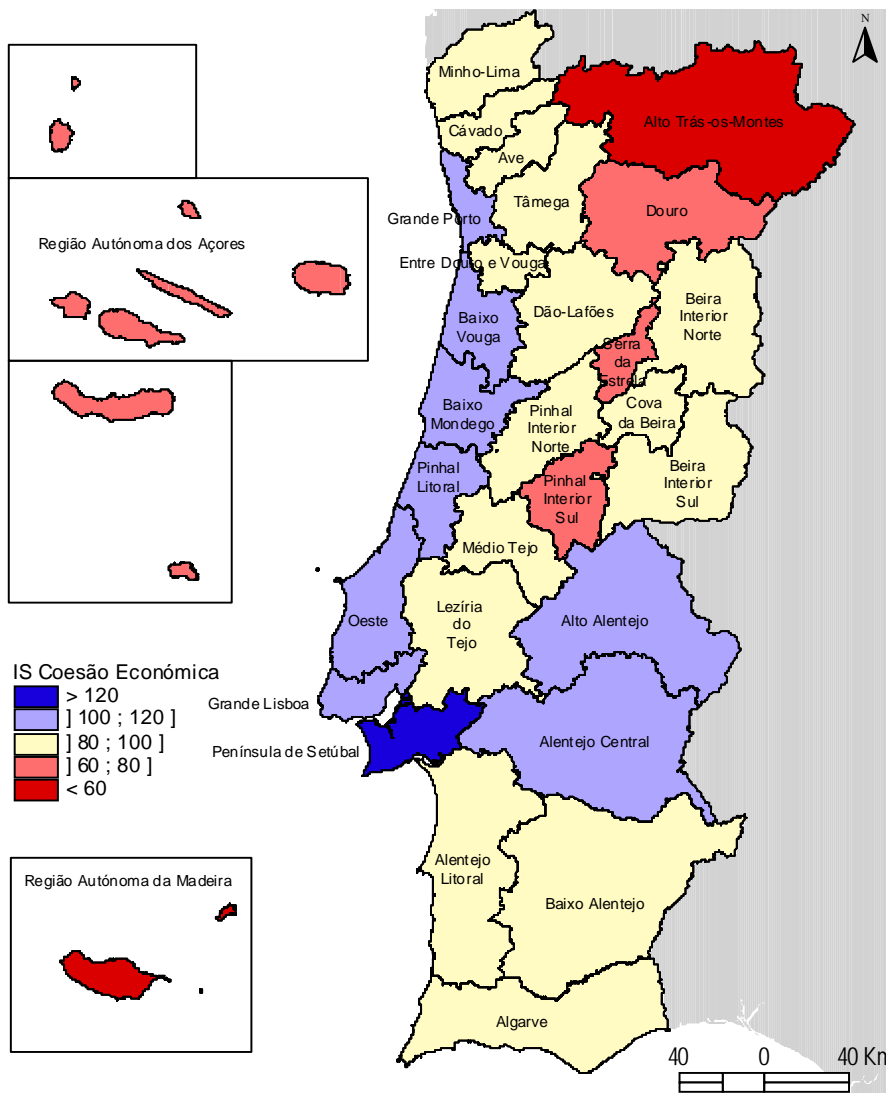


O “Mapa” da Coesão

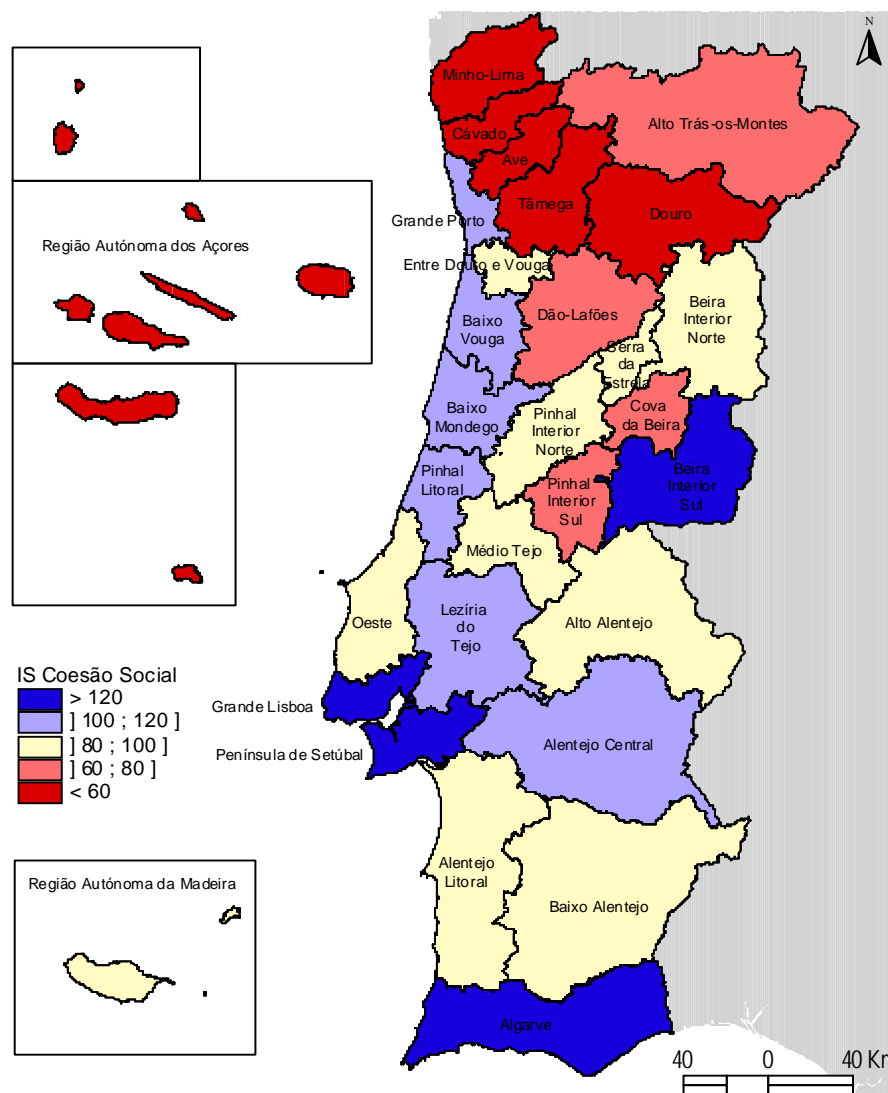


Os “Mapas” da Coesão Económica e Social das Regiões Portuguesas (índices sintéticos parciais em 2000-2002)

O “Mapa” da Coesão Económica



O “Mapa” da Coesão Social



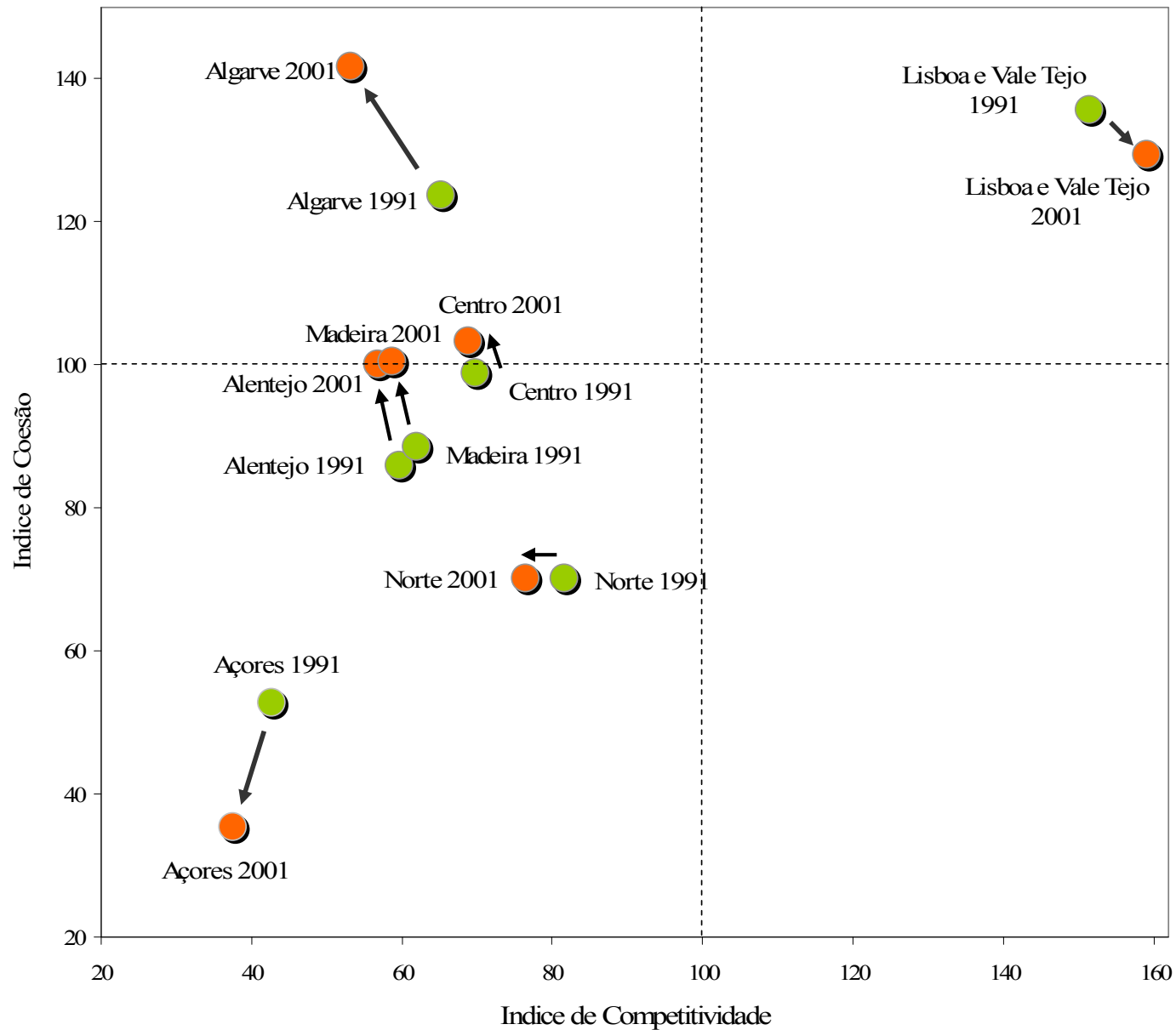
Uma conclusão analítica de largo alcance prático
**As assimetrias regionais exprimem um forte
desequilíbrio na relação entre a Coesão (“Querer”)
e a Competitividade (“Poder”) ...**

A avaliação detalhada dos níveis de coesão e competitividade das regiões, se permitiu confirmar a existência de **assimetrias significativas** no nível de desenvolvimento económico e social, permitiu evidenciar, uma clara preponderância de situações de **vulnerabilidade competitiva**, para um determinado **nível de coesão considerado**, ou de situações de **“excesso” de dotação nas condições da coesão**, para um determinado **nível de competitividade alcançado**

Uma conclusão analítica de largo alcance prático
... traduzido numa clara “preferência revelada”
pela “segurança” da Coesão (“Equidade”) em
detrimento do “risco” da Competitividade (“Eficiência”)

O modelo concreto de desenvolvimento económico e social em acção revela, assim, uma clara tendência para a **colocação da “coesão à frente da competitividade”**, que pode ser **mais “desejada”** (opções de política pública, escolhas dos eleitores, comportamentos dos cidadãos e dos agentes económicos) **ou mais “sofrida”** (consequências da integração europeia e da globalização), e que **compromete**, no longo prazo, **o próprio ritmo de crescimento económico e de melhoria do nível de vida da população.**

A Evolução da Competitividade e da Coesão nas Regiões de Coordenação (1991-95 → 2000-2002)



A diversidade regional das condições cumulativas de **COMPETITIVIDADE**

<i>Região</i>		Capital Humano “Qualidade”	Tecnologias Informação ”Utilização”	Factores Avançados de Competitividade “Especialização”
<i>NUT III</i>	<i>Grupo</i>	(Pessoal c/Ensino Superior, em %,))	(Emprego nas TIC, em %)	(Escala, Diferenciação e I&D, VAB em %)
<i>Grande Lisboa</i>	I	12,0	4,5	67,1
<i>Grande Porto</i>		6,4	2,9	47,0
<i>Pinhal Litoral</i>	II	4,3	1,6	70,2
<i>Baixo Mondego</i>		5,5	1,4	38,4
<i>Médio Tejo</i>	III	3,6	0,6	42,6
<i>Dão-Lafões</i>		3,6	0,7	39,7
<i>Cova da Beira</i>	IV	3,2	0,5	10,6
<i>Baixo Alentejo</i>		4,2	1,0	20,1
<i>Cávado</i>	V	3,1	4,5	28,8
<i>Ave</i>		2,7	1,0	15,7
<i>Alto Trás-os-Montes</i>	VI	3,5	0,4	32,0
<i>Açores</i>		3,1	0,5	22,6

A diversidade regional das condições, processos e resultados na EDUCAÇÃO

<i>Região</i>		Escolaridade População Activa (nível médio, anos)	Abandono Escolar (Saída Antecipada, 18-24, %)	Rede Ensino Básico e Secundário (População nas Freguesias Cobertas, %)
<i>NUT III</i>	<i>Grupo</i>			
<i>Grande Lisboa</i>	I	8,9	13,8	85,2
<i>Grande Porto</i>		7,7	22,0	84,2
<i>Pinhal Litoral</i>	II	6,8	21,3	64,8
<i>Baixo Mondego</i>		6,3	27,0	40,6
<i>Médio Tejo</i>	III	6,9	19,2	46,3
<i>Dão-Lafões</i>		6,3	27,0	40,6
<i>Cova da Beira</i>	IV	6,6	23,2	36,2
<i>Baixo Alentejo</i>		6,5	25,1	53,0
<i>Cávado</i>	V	6,8	34,0	38,5
<i>Ave</i>		6,3	37,5	42,0
<i>Alto Trás-os-Montes</i>	VI	6,1	24,8	38,8
<i>Açores</i>		6,4	43,5	24,6

Os principais “Distritos Industriais” INTERNACIONALIZAÇÃO e PRODUTIVIDADE

<i>Região (NUT III)</i>	Valor Internacional)		Orientação Exportadora		Produtividade	
	(Exportações / Habitante)		(Exportações / VAB)		(VAB / Emprego)	
	€	ranking	(%)	ranking	€	ranking
<i>Cávado</i>	757,2	5°	46,0	4°	18 203	19°
<i>Ave</i>	1189,6	2°	70,6	2°	17 969	21°
<i>Entre Douro e Vouga</i>	1477,2	1°	78,2	1°	20 826	15°
<i>Baixo Vouga</i>	848,7	4°	42,5	5°	22 603	10°
<i>Pinhal Litoral</i>	429,5	13°	19,9	15°	22 378	11°
<i>Península de Setúbal</i>	1041,5	3°	58,6	3°	26 171	4°

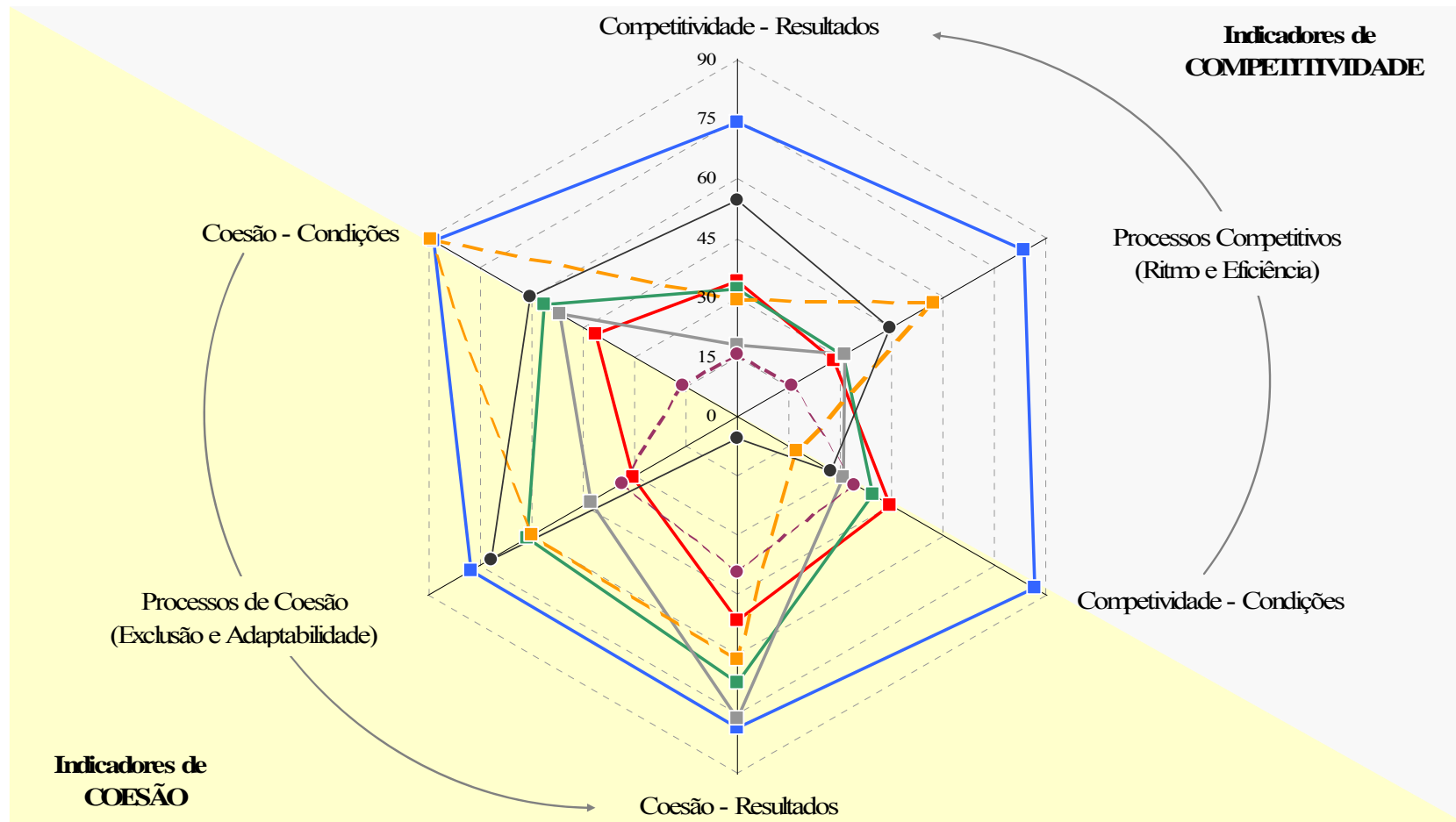
Os principais “Distritos Industriais” INTERNACIONALIZAÇÃO e PRODUTIVIDADE

<i>Região (NUT III)</i>	Nível Tecnológico (VAB em actividades de média e alta tecnologia)	
	(%)	ranking
<i>Cávado</i>	29,8	21º
<i>Ave</i>	26,9	27º
<i>Entre Douro e Vouga</i>	29,9	20º
<i>Baixo Vouga</i>	36,7	5º
<i>Pinhal Litoral</i>	38,6	2º
<i>Península de Setúbal</i>	37,6	3º

Condições, Processos e Resultados da Competitividade e Coesão

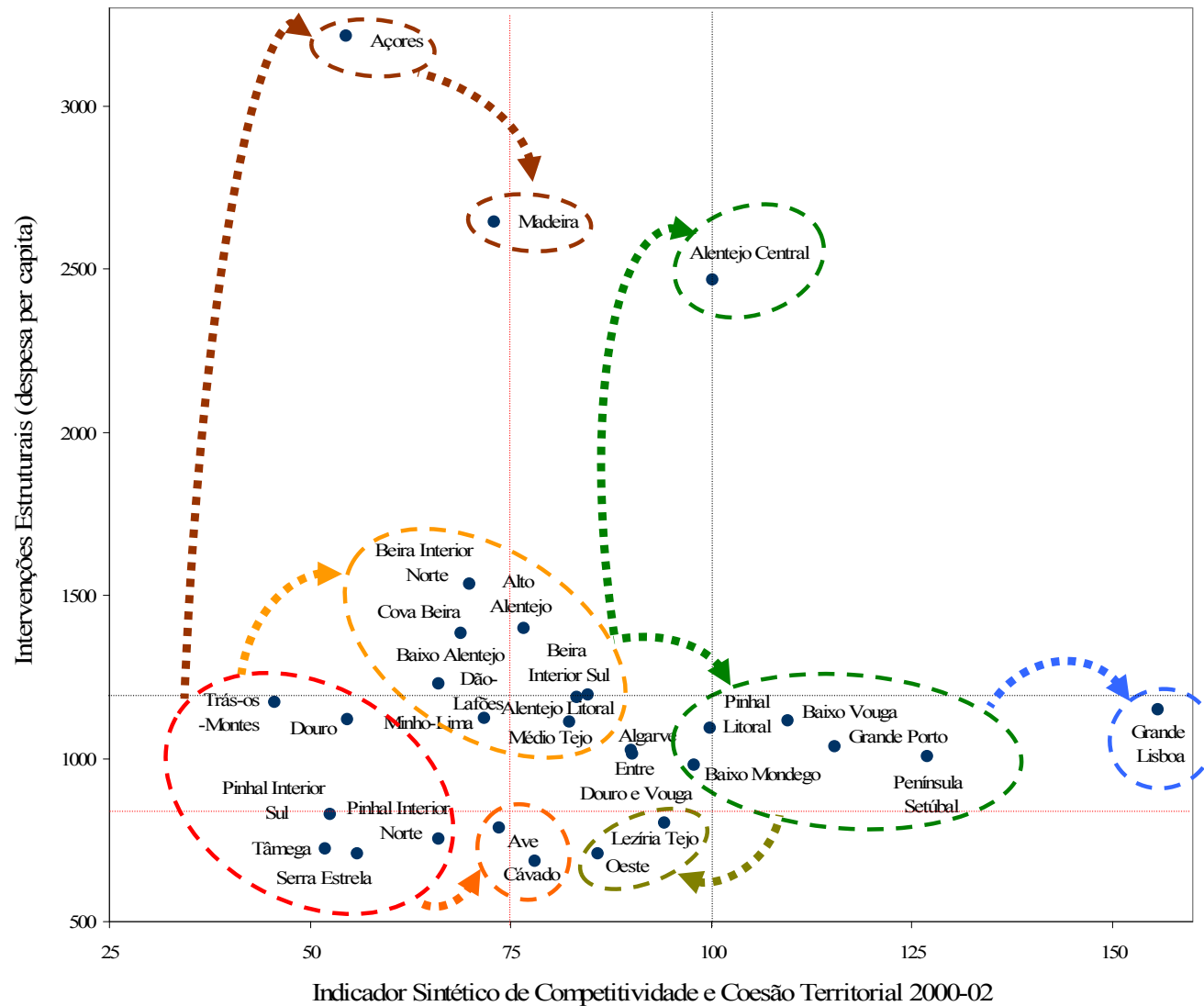
O Caso das “Regiões de Coordenação”

(NUTS III, 2000-2002)



—■— Norte —■— Centro —■— Lisboa e Vale do Tejo —■— Alentejo —■— Algarve —■— Açores —●— Madeira

Nível de Apoio per capita (1994-00) e Nível de Competitividade e Coesão Territorial das “Regiões Finas” (NUTS III, 2000-02)



A diferenciação estratégica regional como alavanca para alcançar a “concentração temática e financeira” e a “apropriação descentralizada” das políticas estruturais

A caracterização do **posicionamento relativo das regiões portuguesas** confirmou a existência de uma **base objectiva muito sólida** para fundamentar a **principal mudança global** exigida pelo próximo período de programação estrutural, isto é, a **diferenciação dos objectivos** a prosseguir, da natureza dos **caminhos** a percorrer, dos **projectos** a desenvolver, da **intensidade dos apoios** a obter e da orientação dos **incentivos** a conceder **pelas regiões portuguesas**.

O diferente enquadramento das regiões portuguesas no ciclo 2007-2013 constitui um **DESAFIO** ...

... para melhorar significativamente a eficácia da gestão das intervenções estruturais e a qualidade dos projectos desenvolvidos, apoiados ou estimulados, isto é, um desafio para montar **modelos operacionais mais rigorosos**, *porque polarizados pela obtenção de resultados* ao longo de caminhos de médio prazo, **mais selectivos**, porque menos confrontados com a *gestão da “abundância”* do que com a *gestão da “escassez”* de meios financeiros públicos, e **mais exigentes**, porque o *retorno económico e social dos projectos terá de ser avaliado e garantido* com muito maior profundidade de análise e muito maior colaboração entre o sector público.

... mas, também, uma OPORTUNIDADE ...

... para produzir **verdadeiras estratégias regionais de referência suficientemente diversificadas**, isto é, que se aproximem dos problemas actuais e futuros de cada região e aprofundem as dinâmicas de especialização económica enquanto **alavancas de ganhos sustentados de produtividade**, colocando a utilização dos fundos estruturais em Portugal na sua verdadeira **lógica transversal de política regional estrutural**, superando, desse modo, uma excessiva tendência para modelos de programação de base vertical e sectorial.

... exigindo uma concentração temática e financeira num número limitado de objectivos estratégicos

1

Aceleração do processo de renovação dos modelos empresariais, favorecendo uma maior convivência com mercados mais internacionalizados e concorrenciais e percebendo que as políticas públicas não podem fazer muito por actividades e modelos de negócio em declínio e fim de ciclo de vida, embora possam e devam fazer muito pelas pessoas e territórios afectados

... favorecendo uma lógica de “destruição criadora”, sem “medo” dos riscos da reestruturação, da inovação e da eficiência

**... exigindo uma concentração temática e financeira
num número limitado de objectivos estratégicos**

2

*Procura de novos caminhos de uma melhor e mais efectiva
articulação entre competitividade e coesão, que só podem
ser obtidos através da utilização da coesão como condição
e factor de competitividade e da competitividade
como suporte da consolidação da coesão*

*... só ao alcance de políticas públicas de base regional,
adequadamente ancoradas em territórios onde se
conjugam pessoas, actividades e instituições, apoiadas por
políticas públicas nacionais de base temática, transversal,
que garantam unidade e coerência estratégica*

... exigindo uma concentração temática e financeira num número limitado de objectivos estratégicos

3

Valorizar o papel da dinâmica da especialização de actividades no crescimento económico, tendo em conta, que as variações do emprego e da produtividade reflectem movimentos complexos de conservação, renovação e inovação de tecnologias, processos e produtos, no quadro de “ciclos de vida” cada vez mais curtos com uma incidência geográfica cada vez mais global

... importando participar de forma, também, cada vez mais precoce e qualificada, nos processos de consolidação do alargamento da Europa e da aceleração da Globalização